



MÚSICA DE VAQUEJADA: UM INSTRUMENTO METODOLÓGICO PARA O ENSINO E APRENDIZAGEM DE LÍNGUA PORTUGUESA NO FUNDAMENTAL II

Eixo 04 – Educação, Comunicação e Práticas de Multiletramento

Daniel da Rocha Silva¹

RESUMO

À luz da Linguística Aplicada e da teoria do Letramento, este artigo tem como objetivo discutir a música de vaquejada como ferramenta pedagógica para o ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa no fundamental II. A metodologia é qualitativa, além de descritiva quanto aos objetivos. A fundamentação teórica é pautada principalmente em Moita Lopes (2006), acerca da Linguística Aplicada; Tfouni (2010), que aborda o Letramento; e Libâneo (2011), que analisa as novas exigências da profissão professor. Por fim, considera-se que a sala de aula se constitui como um espaço aberto para metodologias diferentes e inovadoras, e que o conhecimento trazido pelo aluno é importante nessa relação entre ele, o professor e o ensino/aprendizagem.

PALAVRAS-CHAVE: Música de vaquejada; língua portuguesa; ensino básico público.

ABSTRACT

In the light of Applied Linguistics and Literacy Theory, this article aims to discuss vaquejada music as a pedagogical tool for teaching and learning Portuguese in elementary II. The methodology is qualitative as well as descriptive as to the objectives. The theoretical foundation is based mainly Moita Lopes (2006), about Applied Linguistics; Tfouni (2010), which addresses Literacy; and Libiliar (2011), which analyzes the new demands of the teaching profession. Finally, it is considered that the classroom is an open space for different and innovative methodologies, and that the knowledge brought by the student is important in this relationship between it, the teacher and teaching / learning.

KEYWORDS: Cowboy music; portuguese language; public basic education.

¹ Graduado em Letras (FISE); Mestrando em Linguagem: Identidade e Práticas Sociais (PPGL – UFS); Professor da rede municipal de ensino de Pão de Açúcar (AL).



1 Introdução

Sabe-se que o processo educacional no Brasil é passivo de questionamentos, muito em decorrência dos resultados apresentados por índices, como o Programa de Avaliação Internacional de Estudantes (PISA) de 2018, que colocou o país cada vez mais distante do patamar de países considerados desenvolvidos. Além disso, é visto que o número de estudantes que não sabem o básico de leitura só cresce, fato que só aumenta a desconfiança nesse atual processo. Diante dessa realidade, tornam-se necessárias mudanças que apresentem metodologias significativas no que tange ao ensino e aprendizagem.

Uma das questões mais discutidas é a qualidade do ensino, que indicia na aprendizagem. Do desinteresse dos alunos à falta de estrutura da escola pública, o professor torna-se impotente diante dessa realidade, outrora, culpabilizado pelos resultados insatisfatórios. Além disso, as aulas de Língua Portuguesa não são atrativas para os alunos adolescentes do fundamental II, pois as normas gramaticais sem se atrelar ao cotidiano tornaram-se enfadonhas, assim como os textos de autores consagrados e considerados puritanos presentes nos livros didáticos.

Desse modo, questiona-se: de que forma deve se ensinar Língua Portuguesa em sala de aula? Até que ponto as regras gramaticais interferem na criatividade de escrita do aluno? O “certo” e “errado” de caneta vermelha participa das estatísticas insatisfatórias?

Esta pesquisa se justifica pela necessidade de discussões, outrora inacabadas, acerca de práticas pedagógicas que possam contribuir significativamente para o ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa na educação básica. Compreende-se que tais discussões são necessárias, haja vista as deficiências que por lá se encontram, refletidas em exames nacionais e internacionais. Os procedimentos metodológicos partem de uma abordagem qualitativa e descritiva, pois surge de material científico já publicado, como bem afirmam Prodanov e Freitas (2013). A fundamentação teórica pauta-se principalmente em autores que abordam tanto a Linguística Aplicada, como Moita Lopes (2006) quanto Tfouni (2010), acerca do Letramento; dentre outras.

Assim, objetiva apresentar a música/letra de vaquejada como instrumento



metodológico para o ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa no fundamental II; debater as teorias da Linguística Aplicada e do Letramento frente às deficiências da educação básica; prospectar possibilidades metodológicas para os professores que atuam nessa esfera. Há de se levar em consideração a região geográfica onde a escola está situada, visto que a música de vaquejada é cultura típica do sertão nordestino, portanto, torna-se questão de interesse de alunos que nele reside.

Sabe-se que o Programa de Avaliação Internacional de Estudante (doravante PISA) considera, para fins de análise, que:

Letramento em Leitura é definido como a capacidade de compreender, usar, avaliar, refletir sobre e envolver-se com textos, a fim de alcançar um objetivo, desenvolver conhecimento e potencial, e participar da sociedade (BRASIL, 2018, p. 22)

Então, compreende-se que essas acepções partem da escola enquanto seu papel de formação. O professor utiliza diferentes tipos de textos em sala de aula? Ou continua a insistir em leituras obrigatórias de Machado de Assis?

Dito isso,

[...] 50% dos estudantes de 15 anos atingiram o nível mínimo, que considera a capacidade dos alunos em identificar a ideia principal de um texto com tamanho moderado, encontrar informações com base em critérios explícitos, e refletir sobre o objetivo e forma dos textos (CERIONI, 2019)

Isso explica que o modelo de aulas com abordagens tradicionais em que se pautam em livros didáticos e textos antigos de autores renomados da literatura brasileira não tem surtido o efeito esperado, pois acarreta em um desinteresse generalizado dos estudantes pela leitura e ainda com reflexos na escrita, pois acabam por entender que se deve escrever da forma que veem/leem em textos clássicos, tradicionais, puritanos. Ainda, associam a escrita ao que estudam gramaticalmente, em que as regras são colocadas como únicas.

Assim, fica notório que apesar dos diversos problemas da escola pública inerentes à decisão do professor, entende-se que quanto à metodologia, o mesmo pode



flexibilizar questões de uso e formas de apresentação e normas de gramática. Com uma finalidade comparativa e de adequação ao público alvo, as músicas de vaquejada se apresentam como uma possibilidade para tal finalidade, visto que pode ser trabalhada todas as classificações da língua, da fonologia às classes gramaticais, de forma que divirta o aluno e o convide para o centro da discussão sobre a funcionalidade da linguagem.

2 Linguística Aplicada (LA): algumas considerações

Por ter surgido com uma finalidade específica, a de ensinar idiomas para soldados em tempos de guerra, a LA foi considerada uma disciplina como outra qualquer durante um tempo considerável. Por isso, adquiriu, desde então, um caráter de aplicação aos problemas de linguagem percebidos momentaneamente dentro da sala de aula. Dessa maneira, Signorini (1998, *apud* Rodrigues; Cerutti-rizzatti, 2011, p. 21) afirma: “[...] a Linguística Aplicada, nessa fase aplicacionista, trata das questões Linguísticas de maneira fragmentada, priorizando o enfoque em problemas de natureza teórico-disciplinar”, o que acabou por reduzir a LA. Assim,

Em nome da integridade do aparato conceitual e teórico-metodológico, ou seja, temendo violar as proposições dos linguistas teóricos, o linguista aplicado, não raro, simplificava a complexidade do objeto de investigação. Para fazer isso, procurava desemaranhar as linhas da rede, purificar um objeto de natureza híbrida, isto é, limpá-lo das tantas variáveis que naturalmente o compõem; afinal, a condição sociocultural e historicamente complexa da língua em uso não parece passível de estudo sob as lentes de teorias puristas. (SIGNORINI, 1998, *apud* RODRIGUES; CERUTTI-RIZZATTI, 2011, p. 21)

A abrangência da LA constitui-se quanto justamente ao material de pesquisa, ao seu objeto de estudo, aos procedimentos metodológicos e à fundamentação teórica. Dito isso, e como bem afirma Moita Lopes (2006), não é apenas resolver problemas linguísticos, mas, e principalmente, “[...] problematizá-los ou criar inteligibilidades sobre eles, de modo que alternativas para tais contextos de usos da linguagem possam ser vislumbradas.” (MOITA LOPES, 2006, p. 20), i.e., ampliação social e histórica.

O caráter aplicacionista já não é mais pertinente em decorrência dos avanços



dos estudos que colocam a LA como interdisciplinar, pois de acordo com Moita Lopes (2006, p. 19), “[...] para dar conta da complexidade dos fatos envolvidos com a linguagem em sala de aula, passou-se a argumentar na direção de um arcabouço teórico interdisciplinar”. Nesse sentido, mostra que temos uma ciência que ainda precisa ser discutida, visto que a mesma dar a entender se encontrar em constante debate.

Com isso, considera-se a definição que mais se aproxima do *corpus* desta pesquisa, quando: “Politizar o ato de pesquisar e pensar alternativas para a vida social são parte intrínseca dos novos modos de teorizar e fazer LA” (MOITA LOPES, 2006, p. 22). Então, compreende-se que há um entrelaçamento entre a linguística aplicada e a língua em sua manifestação, e é diante dessa manifestação que se envolve a LA.

3 Letramento: uma discussão inacabada

Para Tfouni (2010), o letramento surgiu no Brasil no início dos anos 80, pois até então era considerado um neologismo. Conforme a autora, “O letramento, [...], focaliza os aspectos sócio-históricos da aquisição da escrita” (TFOUNI, 2010, p. 12), i. e., em como a escrita altera uma determinada comunidade a partir do momento que torna o indivíduo atuante em seu meio social com capacidade de comunicação nas diversas esferas linguísticas.

No que tange à alfabetização, Tfouni (2010, p. 11) diz que: “A alfabetização refere-se à aquisição da escrita enquanto aprendizagem de habilidades para leitura, escrita e as chamadas práticas de leitura”, portanto, é notável uma aproximação com o próprio conceito de letramento, por isso, essa mixórdia, principalmente em livros didáticos, em diferenciar um do outro. No entanto, como bem afirma Tfouni (2010), o alfabetizar remete ao individual, enquanto o letrar ao social.

O analfabetismo é composto, não apenas por aqueles que não tiveram acesso à escola, mas também por aqueles que encontram um ensino deficiente na sala de aula, com uma metodologia ultrapassada em que se baseia em giz, quadro-negro e livro didático, além da repetição conteudística pouco colaborativa no desempenho dos estudantes, o que fez surgir uma nova conceituação, o analfabetismo funcional. Dessa maneira, a falta de conhecimento acerca do que vem a ser alfabetização e letramento



colabora para a construção, que parece contínua, dos problemas apresentados.

Conforme Tfouni (2010), é necessário uma visibilidade do ponto de vista sociointeracionista, pois, desse modo, “[...] a alfabetização, enquanto processo individual, não se completa nunca [...]” (TFOUNI, 2010, p. 17). Por esse prisma, alfabetização e letramento imbricam na aprendizagem social do indivíduo, porém não é o que acontece, haja vista que “[...] a alfabetização é algo que chega a um fim [...]” (TFOUNI, 2010, p. 17), conforme é considerado erroneamente pela própria escola.

Entende-se, por isso, que alfabetização e letramento não acontecem apenas na escola, mas, e principalmente, em sociedade. Sendo assim, a sala de aula deve considerar os aspectos culturais do aluno, o que ele vem trazendo para o espaço escolar; e isso deve ser debatido quanto ao objetivo do ensinar e aprender.

4 Análise do *corpus*

A priori, é importante considerar que quando se fala em texto estamos nos remetendo a uma categoria possuidora de diferentes tipos. Para corroborar com o foco deste trabalho, adotamos a seguinte definição:

Vamos trabalhar com a ideia de que texto é uma forma de comunicação coerente dotada de sentido (que está ligada aos implícitos e pressupostos) e que possui um objetivo. Sendo assim, podemos considerar como texto: fábula, notícia, receitas, história em quadrinhos, entre outros, ou seja, adotamos a visão de que ao escrevermos, produzimos gêneros textuais específicos que cumprem funções comunicativas determinadas. (SANTOS; SILVA, 2012, p. 1086)

. Nesse sentido, não há motivos para se insistir em variedades padrões representadas por escritores puritanos da literatura brasileira. Ou seja, o texto pode ser considerado enquanto tal a partir do momento que tem um direcionamento, um sentido, um significado que se possa entender o que se quis dizer e não prioritariamente ter uma linguagem rebuscada. Ainda, como bem afirma os mesmos autores,

A palavra texto vem do latim *textum* que significa tecido, entrelaçamento. O texto seria então o resultado de uma combinação



perfeita de “fios” (orações) tendo como resultado uma costura (texto propriamente dito). (SANTOS; SILVA, 2012, p. 1086)

São definições que pautam o uso de músicas de vaquejadas como instrumento metodológico para o ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa no ensino básico. O desinteresse pelo dito tradicional esbarra na contemporaneidade, em que os alunos atualmente interagem através do que lhes é próprio, de seu dia a dia, e as músicas estão presentes em seus cotidianos.

A música do vaqueiro alagoano Kara Véia, intitulada “Filho sem sorte”, permite ao professor trabalhar de diversas formas, desde a leitura em sala de aula à identificação desse tipo de texto. Ainda, possibilita ao mesmo apresentar classes gramaticais, além de uma análise sintática. Portanto, uma aula completa. Observemos apenas a primeira estrofe:

Eu sou um filho sem sorte
Que só nasci pra sofrer
Vivo triste e abandonado
Sofrendo sem merecer
Pra mim não existe festa
Uma vida como esta
É muito melhor morrer²

No primeiro verso, morfologicamente, pode-se identificar: pronome em primeira pessoa do singular, verbo, numeral, substantivo comum, conjunção e adjetivo. Nisso, o aluno pode perceber a diferença para uma análise sintática, que por sua vez, apresenta um sujeito simples, um verbo transitivo direto, e o seu complemento: o objeto direto, além do predicativo do objeto, respectivamente. Todo esse leque apenas quanto ao primeiro verso. Tem-se, portanto, uma aproximação do ensino com a realidade do aluno, do seu convívio, de seu meio social. Por isso,

A necessidade de repensar outros modos de teorizar e fazer LA surge do fato de que uma área de pesquisa aplicada, na qual a investigação é fundamentalmente centrada no contexto aplicado (cf. Moita Lopes,

² Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/kara-veia/filho-sem-sorte.html>> Acesso em: 16 jan. 2020.



1998 e Gibbons et alii, 1994) onde as pessoas vivem e agem, deve considerar a compreensão das mudanças relacionadas à vida sociocultural, política e histórica que elas experienciam. (MOITA LOPES, 2006, p. 21)

Dito isso, o ensino e aprendizagem devem soar como um imbricamento, em que o primeiro deve estar lado a lado com o segundo, ou seja, em consonância. Essa estrofe ainda permite outras possibilidades, tais como: o uso do “pra” na escrita é “para” (para os gramáticos mais puritanos); pode-se trabalhar as formas nominais do verbo: particípio, gerúndio e infinitivo, sujeito elíptico no terceiro verso etc. Por se tratar de música, naturalmente mais memorizadas, tal metodologia permite ao aluno associar a letra musical com as regras gramaticais, tornando-as mais atrativas e dinâmicas.

Trabalhar com letras musicais atendem ao que o PISA compreende por Letramento, que é justamente o envolvimento com o texto e, conseqüentemente, participação na sociedade em que os alunos atuam, cada um com suas características.

Para Libâneo (2011, p. 39), “[...] a apropriação crítica da realidade significa contextualizar um tema de estudo buscando compreender suas ligações com a prática humana”; é pertinente adequar o que a gramática ensina com a praticidade dos alunos diariamente, e isso só é possível aproximando-os.

Atualmente, um dos cantores de vaquejada mais ouvido pelo público do ensino fundamental II chama-se Mano Walter, visto que se apresenta de forma constante na mídia, tanto nas redes sociais quanto nos programas de TV. Em uma de suas músicas, "Festa na vaquejada", temos os seguintes versos:

E o vaqueiro
Corre dentro da pista em seu cavalo alazão
Quando chega na faixa derruba o boi no chão
Assim é vaquejada assim é meu sertão³

Partindo para uma análise sintática, observa-se: “o vaqueiro” (sujeito simples); “dentro da pista” (adjunto adverbial de lugar); “em seu cavalo alazão” (adjunto adverbial de companhia), isso nos dois primeiros versos. No terceiro verso: “quando”

³ Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/mano-walter/festa-na-vaquejada.html>> Acesso em: 17 jan. 2020.



(adjunto adverbial de tempo); “chega” (verbo intransitivo); “na faixa” (adjunto adverbial de lugar), há a presença também do sujeito elíptico “ele”, que seria “o vaqueiro”; “derruba” (verbo transitivo direto); “o boi” (objeto direto); “no chão” (adjunto adverbial de lugar). No último verso há uma repetitividade quanto às funções desempenhadas: “assim” (sujeito); “é” (verbo de ligação); “meu sertão” (predicativo do sujeito).

Nessa estrofe, pode ser abordada as inadequações quanto à escrita padrão por um processo de substituição: “Quando chega à faixa derruba o boi no chão”; ainda, situações de pontuação com o uso da vírgula no último verso.

Com isso,

A escola tem, pois, o compromisso de reduzir a distância entre a ciência cada vez mais complexa e a cultura de base produzida no cotidiano, e a provida pela escolarização. Junto a isso tem, também, o compromisso de ajudar os alunos a tornarem-se sujeitos pensantes, capazes de construir elementos categoriais de compreensão e apropriação crítica da realidade. (LIBÂNEO, 2011, p. 11)

Ou seja, apesar de não ser a escola a única fonte de conhecimento do aluno, ela tem o papel de alicerçar esse conhecimento, em união com o já adquirido pelo mesmo em sua sociedade. Moita Lopes (2006) volta a reafirmar um de seus argumentos de 1994, e de certo modo, corrobora com Libâneo (2011), ao considerar que

[...] a pesquisa em ciências sociais hoje questiona as formas tradicionais de conhecimento e abre um leque muito grande de desenhos de pesquisa de natureza interpretativista (Moita Lopes, 1994) e de modos de construir conhecimento sobre a vida social. (MOITA LOPES, 2006, p. 25)

É diante desse cenário que as pesquisas que abordam o ensino e aprendizagem devem atuar. Ressalta-se que são músicas ouvidas pelo alunado que compõe o ensino fundamental II, porém não há unanimidade. No entanto, tal abordagem pode servir de base para outros ritmos.

Nesse sentido, o aluno precisa sentir-se incluso nas aulas de Língua Portuguesa, que sejam aulas completas quanto ao que se entende por domínio pleno da



língua, esse encontrado na definição de Letramento em Leitura considerada pelo PISA. Ou seja, o ensino não deve ser pautado em imposições, mas de forma conjunta para que ambos os objetivos sejam atingidos. Por isso, Castilho (2009, p. 22) diz que “A aula de gramática deve implicar numa atuação participante de professor e alunos, movidos pelo desejo da descoberta científica”.

Isso permite também que o professor trabalhe com seu próprio material de ensino, não fique debruçado unicamente no livro didático, que pouco e/ou nada tem do cotidiano do aluno.

Considerações finais

O ensino e aprendizagem necessita de novas abordagens no intuito de mudanças significativas quanto aos seus resultados, seja do PISA ou quaisquer outros. Até porque é sabido que a deficiência do ensino básico resvala principalmente na distância entre o aluno/professor/conteúdo, embora não seja só por isso. Nesse tripé, encontra-se incluso todos os aparatos educacionais que a sala de aula requer, da didática à metodologia.

O uso do gramatical é indispensável, mas por ser tanto, pede uma abordagem dinâmica, atrativa, alegre, sem a preocupação do “ter que saber” a qualquer custo. O bloqueio causado em alguns alunos do ensino fundamental II quanto ao estudo de normas gramaticais parte dessa premissa. Por isso, convém de modificações que chamem a atenção do aluno para essa aprendizagem.

O desinteresse pela leitura e escrita advém também do mencionado nos parágrafos anteriores, pois o aluno acaba por entender que deve escrever conforme às inúmeras regras e o livro didático apresentados a ele com textos antigos e que fazem uso das mesmas, raríssimas exceções. Há que se exemplificar quanto ao momento da liberdade de pensamento escritural do aluno, que ele pode fazer de acordo com o que conhece, com o que sabe, com o que já leu e já viu em seu meio.

Ainda, quando se trata de texto, há uma variedade infindável. Fato que dá ao professor possibilidades de abordagens que possam atrair o aluno, desde que se perceba do que esse aluno mais gosta, o que o atrai, o que o chama mais atenção. Nesse sentido,



torna-se possível um deslumbramento do público atual para a leitura e a escrita. Do contrário, continuaremos com as estatísticas atuais.

Referências

BRASIL. **Relatório Brasil no Pisa 2018**: Versão preliminar. Disponível em: <http://download.inep.gov.br/acoes_internacionais/pisa/documentos/2019/relatorio_PISA_2018_prprelimin.pdf> Acesso em: 14 dez. 2019.

CASTILHO, Ataliba T. de. **A língua falada no ensino de Português**. 7. ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2009. 158 p.

CERIONI, Clara. **Em 2018, Brasil melhora no Pisa, mas segue mal em comparação internacional**. 03. dez. 2019. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/brasil/apos-dez-anos-brasil-melhora-nos-tres-indices-de-avaliacao-do-pisa-2018/>> Acesso em: 15 dez. 2019.

LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora?** Novas exigências educacionais e profissão docente. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2011. 102 p.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da, 2006. **Uma linguística aplicada mestiça e ideológica**: interrogando o campo como linguista aplicado. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da (org.). Por uma linguística aplicada indisciplinar. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 13-44.

_____. **Oficina de linguística aplicada**. Campinas: Mercado de Letras, 1996.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do Trabalho Científico [recurso eletrônico]**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. 277 p. Disponível em: <http://www.feevale.br/Comum/midias/8807f05a-14d0-4d5b-b1ad-1538f3aef538/E-book%20Metodologia%20do%20Trabalho%20Cientifico.pdf>> Acesso em: 17 set. 2018.

RODRIGUES, Rosângela Hames; CERUTTI-RIZZATTI, Mary Elizabeth. **Linguística Aplicada**: ensino de língua materna. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2011. 232 p. Disponível em: <http://ppglin.posgrad.ufsc.br/files/2013/04/PT_Linguistica_Aplicada_WEB_.pdf> Acesso em: 16 jan. 2020.

SANTOS, Graciela Silva Jacinto Lopes dos; SILVA, Solimar Patriota. **Produção textual**: concepção de texto, gêneros textuais e ensino. In: XVI Congresso Nacional de Linguística e Filologia, Cadernos do CNLF, Vol. XVI, N. 04, Anais do XVI CNLF, Rio



de Janeiro, 2012. p. 1085-1090. Disponível em:
<http://www.filologia.org.br/xvi_cnlf/tomo_1/tomo_1.pdf> Acesso em: 16 jan. 2020.

TFOUNI, Leda Verdiani. **Letramento e Alfabetização**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2010.
103 p.